



RTEP  
**REVISTA** ISSN: 2316-1493  
**TURISMO**  
**ESTUDOS & PRÁTICAS**

**O DOM DAS FESTAS: A HOSPITALIDADE NA FESTIVIDADE  
FOLIA DE REIS EM ITAPORÃ, MS**

*THE GIFT OF FESTIVALS: HOSPITALITY AT THE FESTIVITY OF THE REIS IN ITAPORÃ, MS*

Mariana Danyelle de Melo Arevalo<sup>1</sup>  
Camila Benatti<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho teve como objetivo identificar e analisar os aspectos hospitaleiros presentes na festividade Folia de Reis da Companhia Estrela do Oriente na cidade de Itaporã - MS. Para isto, foram realizadas pesquisas bibliográficas acerca das temáticas sobre hospitalidade e festas religiosas. Em um segundo momento foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com três grupos que compõem os participantes dessa festividade, totalizando o número de sete entrevistados, sendo: dois organizadores, três anfitriões e dois foliões. A limitação no número de entrevistados se deu, sobretudo, devido às restrições impostas pelo isolamento social da pandemia do Covid-19. Nesse sentido, o estudo teve caráter qualitativo e exploratório, não probabilístico. Os procedimentos metodológicos utilizados tiveram o intuito de: a) compreender as percepções que os participantes da festa possuem em relação à hospitalidade existente na celebração; b) identificar e analisar as práticas hospitaleiras entre anfitriões e foliões; c) entender como se dá a receptividade da comunidade para com a festividade Folia de Reis. A partir da análise realizada foi possível identificar que o festejo de Folia de Reis é uma importante tradição cultural e religiosa da cidade de Itaporã, que é transmitida de geração em geração. O momento de festa é entrelaçado por uma vivência hospitaleira de acolhimento, cooperação mútua, ritos e de laços identitários e sociais. **Palavras-chave:** Hospitalidade; Festas Religiosas; Folia de Reis; Itaporã, MS.

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo pela UEMS/Dourados, Especialista em Planejamento e Gestão Pública e Privada pela UEMS/Dourados. E-mail: marianadanyelle@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Curso de Turismo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Dourados. Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: camila.benatti@uems.br



**ABSTRACT:** This work aimed to identify and analyze the hospitable aspects present in the Folia de Reis festivity of Companhia Estrela do Oriente in the city of Itaporã - MS. For this, bibliographic research was carried out on the themes of hospitality and religious festivals. In a second moment, semi-structured interviews were applied with three groups that make up the participants of this festivity, totaling the number of seven interviewees: three organizers, three hosts and two revelers. The limitation in the number of respondents was mainly due to the restrictions imposed by the social isolation of the Covid-19 pandemic. In this sense, the study was qualitative and exploratory, not probabilistic. The methodological procedures used were intended to: a) understand the perceptions that party participants have in relation to the hospitality existing in the celebration; b) identify and analyze hospitable practices between hosts and revelers; c) understand how the community is receptive to the Folia de Reis festival. From the analysis carried out, it was possible to identify that the celebration of Folia de Reis is an important cultural and religious tradition of the city of Itaporã, which is transmitted from generation to generation. The moment of celebration is intertwined with a hospitable experience of welcoming, mutual cooperation, rites and identity and social ties. **Keywords:** Hospitality; Religious Festivals; Folia de Reis; Itaporã, MS.

## INTRODUÇÃO

A Hospitalidade está ligada à receptividade de locais, empreendimentos, pessoas ou comunidades. Ou seja, ao seu modo particular de bem receber, que também se aplica aos ambientes de uso público e privado, em que rituais sociais e atitudes de hospitalidade e cidadania entre os indivíduos vão se estabelecendo e tornando-se como leis da boa convivência humana.

Neste contexto estão inseridos a alimentação, o entretenimento, o acesso a equipamentos, fluidez, qualidade das estruturas oferecidas, eventos sociais e de caráter religioso, em que podemos encontrar características consideradas de um ambiente receptível e acolhedor (Camargo, 2004).

A Folia de Reis é uma dessas festividades religiosas e também culturais que ainda acontecem por todo o território nacional, evidenciando as características e identidades próprias de cada região e comunidades.

Nesse sentido, a presente pesquisa pretende identificar e analisar os aspectos hospitaleiros presentes na festividade Folia de Reis da Companhia Estrela do Oriente na cidade de Itaporã - MS. Como objetivos específicos há o intuito de: a) compreender as percepções que os participantes da festa possuem em relação à hospitalidade existente na celebração; b) identificar e analisar as práticas hospitaleiras entre anfitriões e foliões; c) entender como se dá a receptividade da comunidade para com a festividade Folia de Reis.

A cidade de Itaporã está localizada na região sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul (Microrregião de Dourados), a 228 km da capital do estado, Campo Grande, possuindo cerca de 23 mil habitantes. A sua principal fonte econômica é a agropecuária e a piscicultura.

A Folia de Reis é uma festividade religiosa popular que possui, para os idealizadores do município de Itaporã-MS, um grande significado religioso de fé e devoção. O festejo, realizado anualmente, é organizado pela Companhia de Reis Estrela



do Oriente, que é uma organização não-governamental responsável pela realização da festa na cidade.

Repensar a hospitalidade atrelada à festividade de Folia de Reis se torna essencial para a gestão e planejamento conscientes e de qualidade nas festas culturais e religiosas enquanto atrativos turísticos e culturais. Sendo a Folia de Reis uma das manifestações religiosas mais praticadas no cenário nacional, essa pesquisa poderá contribuir para os esforços de proteção, salvaguarda e valorização desse patrimônio cultural que é celebrado no Brasil e em outros países do mundo (Agenda 2030, 2015).

O trabalho se divide em 7 partes, sendo: 1) a primeira uma introdução, na qual constam uma breve apresentação da temática e os objetivos geral e específicos da pesquisa; 2) uma revisão teórica que buscou abordar sobre os principais fundamentos do tema hospitalidade; 3) o desenvolvimento de uma abordagem teórica sobre a relação entre festas religiosas e hospitalidade; 3) a metodologia de pesquisa; 4) discussão e análise sobre a Folia de Reis em Itaporã e os seus aspectos hospitaleiros; 5) considerações finais, em que foi retomada as principais questões discutidas nessa investigação; e, por fim, 6) as referências bibliográficas que sustentaram o estudo desenvolvido.

## HOSPITALIDADE: DOM E DÁDIVA DO BEM RECEBER

Apesar da hospitalidade estar presente em diversas áreas de conhecimento, é no turismo que essa relação se mostra mais intrínseca, na qual, muitas vezes, pode ser apresentada como um único e grande setor (Chon & Sparrowe, 2020). De modo geral, a hospitalidade favorece a compreensão acerca das relações sociais, da dádiva implícita, da troca de “dons e contra dons” (Camargo, 2015; Grinover, 2019; Brusadin, 2021).

Para Mauss (1974), toda hospitalidade é uma troca, sustentada a partir do conceito de dádiva. Nesse sentido, Mauss defende que a hospitalidade é representada pela tríade do dar-receber-retribuir, tendo a dádiva enquanto uma troca que é pessoal e infinita.

Portanto, a hospitalidade abrange a interação das relações sociais, além de criar um ritual perpétuo do vínculo humano, possibilitando estreitamentos e relacionamentos sociais, dando oportunidades a boas práticas de convivência e, ainda, regulamentando o dom de exercer virtudes hospitaleiras nas relações (Camargo, 2015; Salles, 2017).

A hospitalidade, mais do que um fato observável, é uma virtude que se espera quando nos defrontamos com o estranho (e todo estranho é também um estrangeiro), alguém que ainda não é, mas deve ser reconhecido como o outro. Tudo se passa, como se o sentido mais importante da noção, seja perguntar-se, se esse encontro resultou em estreitamento ou esgarçamento do vínculo social, de início buscado (Camargo, 2015, p. 44).

Tais atitudes de convivência social passam de pessoa para pessoa e fazem parte do que pode ser considerado um dom que, conforme Mauss (1974), está alicerçado em um sistema social simbólico, que estabelece trocas entre os indivíduos que entram em um ciclo de se doar, receber e retribuir (Camargo, 2015; Schvarstzhaupt & Herédia, 2019). Esses elementos são ofertados como presentes que o outro doa a um determinado indivíduo, ação esta, que complementa as características das práticas e aspectos de continuidade e coparticipação, além de enfatizar a sua reincidência (Warde, Paddock, & Whillans, 2020).



Segundo Schvarstzhaupt e Herédia (2019, p. 120), “a hospitalidade é uma etapa que não pode traduzir uma disposição constante dos seres, mas que se dirige sempre a novos parceiros temporários”. Contudo, para Camargo (2004), esse aspecto é ampliado, visto que as relações sociais de um grupo ou localidade seguem normas que não estão descritas, nem documentadas. Assim como a hospitalidade, as atitudes do bem receber são “como um conjunto de leis não escritas que regulam o ritual social cuja observância não se limita aos usos e costumes das sociedades ditas arcaicas ou primitivas” (Camargo, 2004, p. 17-18).

Quanto aos costumes inseridos em eventos hospitaleiros Warde, Paddock e Whillans (2020), corroboram com Camargo (2004). Ao arguirmos que esses costumes ocorrem de forma roteirizada, seguindo padrões normativos conforme os costumes locais. Geralmente, se estendem por longos períodos, dando continuidade aos papéis implicados a cada indivíduo. Amadurecendo os relacionamentos através do círculo repetitivo do grupo e fortalecendo o sentimento de continuidade.

Essas “atividades relacionadas à hospitalidade proporcionam condições de avaliação social dos indivíduos e ajudam no desenvolvimento de laços sociais” (Schvarstzhaupt & Herédia, 2019, p. 123). É na reciprocidade, que o caminho para a virtude da troca, e das práticas de gestão do tecido social, que reside a essência para o funcionamento de relações mais estreitas, entre conversas sociais e rituais (Warde, Paddock, & Whillans, 2020).

Ao que tange as religiões, “um ponto de aproximação que parece prevalecer nas abordagens dos teóricos, é de que a hospitalidade reporta ao tratamento de acolhida para com o outro” (Schvarstzhaupt & Herédia, 2019, p. 120). Grinover (2019), ao se aprofundar na hospitalidade da Igreja, defendeu que geralmente essa se relaciona com “acolhimento”.

Além do traço transcendental “a hospitalidade de uns para com os outros é a base, nos dizeres das escrituras judaico-cristãs”, essa percepção advém de que, “todos somos hóspedes nesta terra e não temos aqui morada permanente” (Schvarstzhaupt & Herédia, 2019, p. 121). A partir dessa linha de pensamento, em que se estreitam hospitalidade e religião, o capítulo a seguir irá tratar sobre a hospitalidade e as festas religiosas.

## FESTAS RELIGIOSAS E HOSPITALIDADE

De acordo com O’Callaghan et al. (2019), a busca pelo bem-estar espiritual e a prática dos rituais religiosos, que cuidam e afagam os males espirituais, têm efetividade na recuperação, superação, sensação de tranquilidade e paz. Quando essas necessidades são atendidas é possível haver a diminuição do sofrimento e aflições. Em contrapartida, a religiosidade pode consolar o indivíduo, trazendo significado e mesmo um propósito de vida para quem tem tais práticas (O’Callaghan et al., 2019).

O’Callaghan et al. (2019) afirma que a virtude hospitaleira seria uma espécie companheira e necessária na orientação e zelo do indivíduo. Este autor menciona que os estudos da hospitalidade visam o foco nas relações sociais e, por vezes, está associada à simpatia, gentileza, empatia e ao bem-estar do outro. Nesse sentido, o ato de ser hospitaleiro está ligado a desprender-se de si, genuinamente, para se doar para outrem.

A religiosidade está também atrelada às questões culturais e aos costumes gerados a partir das crenças e sendo amparada por elas (Rakhshi et al., 2021). Para Paniccia (et al., 2017) o ato de receber viajantes em locais e/ou pessoas que se consideram religiosas vem desde os tempos bíblicos, como podemos observar no



evangelho de São Matheus (MT 25:34-40), quando São Bento insere a hospitalidade como uma de suas regras, mostrando a sua importância para aqueles que buscam uma vida em mosteiros, que passaram a ter espaços dedicados à receptividade.

Faro et al. (2019) defende que há o reconhecimento de que bens religiosos são herdados e têm importância cultural e social, sendo o seu valor carregado de significados para os indivíduos. O que se torna cultural para uma localidade serve de fonte para as relações sociais locais e está apto a gerar e promover valor para determinado lugar (Paniccia et al., 2017).

Nesse cenário, em que se relacionam hospitalidade e religião, estão presentes as festividades religiosas, que segundo Benatti (2017), são repletas de relações devocionais, laços sociais e ritos. De acordo com Gama (2020, p. 162), as festividades podem ser apreendidas a partir de “um ritual de hospitalidade, posto que é estabelecido como possibilidade de encontro, sociabilidade, de estabelecer vínculos sociais e afetivos baseados na relação de reciprocidade”.

Uma festa é uma ação voluntária em que percebemos atos de receber, hospedar (ainda que temporariamente), alimentar, entreter e despedir-se do visitante; também a atitude hospitaleira, notadas nas normas de etiqueta esperadas pelo anfitrião - aquele que convida e recebe, e também pelo visitante, - o convidado que é recebido. (Gama, 2020, p. 162).

As relações interpessoais regulares que ocorrem entre as pessoas de certo grupo e ou comunidade fortalecem a hospitalidade e aprofunda suas raízes dentro dos costumes sociais de uma comunidade, grupo ou local (Warde, Paddock, & Whillans, 2020).

Segundo Benatti (2017, p. 59), “a religião é um fenômeno social coletivo”, sendo por meio de cultos, rituais e das práticas de fé que surgem as celebrações e festas religiosas. Nesse sentido, Fernandes (2001, p. 228) afirma que as festividades religiosas são “relevantes desde sempre, de modo que elas ordenavam a organização do calendário ordinário das comunidades”. Para este autor (2001), a religiosidade popular e suas celebrações possuem aspectos sociais e religiosos.

Portanto, as festividades têm um compromisso social que está inserido na vida da comunidade de forma ordinária e afetiva. Por meio dela se rompe com a vida cotidiana, ao se tornar um momento extraordinário e carnavalesco: a população entra num ritmo paralelo de vivências, relacionamentos e atitudes. No universo festivo até as formas de se vestir passam a ser distintos, como o cantar e o dançar, num ritual de busca, de abstração e celebração. (Benatti, 2017, p. 60).

As festas religiosas são um lugar de encontro, em que relações sociais e familiares são vivenciadas, fortalecendo, assim, os laços afetivos, as identidades e memórias locais de um grupo ou comunidade. Ou seja, as festas religiosas são momentos de intensa significação e simbolismos (Oliveira, 2006; Benatti, 2017). Cada círculo social apresenta um vínculo pessoal, mesmo que as pessoas que se reúnem não se considerem íntimas, existe uma conexão social entre esses indivíduos sejam por suas ideias, tradições, religiosidade ou crença (Warde, Paddock, & Whillans, 2020).

Quando uma festa é realizada em ambiente doméstico espera-se um convite por parte dos anfitriões, que para além de preparar, possam promover o fornecimento de alimentos elaborados de acordo com a festividade, buscando proporcionar um ambiente receptivo e adequado sem intenção de troca monetária, mas sim para a manutenção da convivência e relações sociais de forma voluntária e generosa. Uma forma de presente



ofertada para o convidado que sempre gera um novo convite como forma de gratidão ao bom anfitrião (Warde, Paddock, & Whillans, 2020).

Neste contexto, está inserida uma importante festividade religiosa popular que é a Folia de Reis. Esta festa evidencia a cultura popular brasileira, sendo um evento que resiste ao tempo e tem grande importância no tecido social dos indivíduos que fazem parte desse grupo ou mesmo da comunidade em que se encontra.

A festividade de Folia de Reis tem origem portuguesa e ela assinala o fim do ciclo natalino, representando o momento de visita e adoração dos Três Reis Magos ao menino Jesus. A data celebrativa dessa festa ocorre no dia 06 de janeiro de cada ano.

Na cidade de Itaporã, que será o local de estudo desse trabalho, essa festividade é comemorada por um notório grupo de devotos e participantes e é organizada pela Companhia Estrela do Oriente. No próximo item será elucidada as metodologias utilizadas para desenvolver a presente pesquisa e, por conseguinte, serão discutidos como são os aspectos hospitalieiros dessa festa popular religiosa. Essa análise foi realizada a partir de entrevistas semiestruturadas com a organização e participantes da festa.

## METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa é uma etapa fundamental no desenvolvimento de um bom estudo acadêmico. Na busca por atingir os objetivos deste projeto, foram utilizados métodos qualitativos, exploratórios e não representativos.

Primeiramente, foram desenvolvidas pesquisas bibliográficas por meio de livros, artigos, teses e dissertações, colhendo, assim, os aportes teóricos fundamentais para a compreensão acerca da hospitalidade e das festas religiosas.

Como intuito de analisar os aspectos da hospitalidade presentes na festa estudada, em uma segunda fase, foi desenvolvida a parte prática da pesquisa. Para isto foram elaboradas e aplicadas entrevistas semiestruturadas com os integrantes da Companhia Estrela do Oriente que estão envolvidos diretamente com a organização da festa, bem como aos foliões e anfitriões que participam da mesma.

Desse modo os entrevistados foram divididos de acordo com os seguintes grupos apresentados no quadro a seguir:

**Quadro 1: Descrição dos Grupos Entrevistados**

Grupo de Entrevistados	Descrição
Organizador	Integrantes da Companhia Estrela do Oriente – grupo que organiza a Folia de Reis em Itaporã.
Anfitrião	Participantes que recebem os foliões em suas casas durante o festejo.
Folião	Fiéis e população que participa do festejo nas ruas.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

As entrevistas foram realizadas com o total de 7 pessoas, entre os dias 19 de agosto e 14 de setembro de 2021, sendo: dois (2) organizadores, três (3) anfitriões e dois (2) foliões. A limitação no número de entrevistados se deu, sobretudo, devido às restrições impostas pelo isolamento social da pandemia do Covid-19. Houve a tentativa de realizar entrevistas de forma remota, no entanto, não se obteve adesão e retorno das pessoas contactadas. Desse modo, as entrevistas tiveram um caráter exploratório, não probabilístico. Para preservar a identidade dos entrevistados, os mesmos foram identificados por meio de números, de acordo com o quadro abaixo:

**Quadro 2: Identificação dos Entrevistados de acordo com o Grupo e a Data de Entrevista**

Grupo de Entrevistados	Código de Identificação da Ceramista	Data da Entrevista
Organizadores	Organizador 1	19/08/2021
	Organizador 2	14/09/2021
Anfitriões	Anfitrião 1	27/08/2021
	Anfitrião 2	06/09/2021
	Anfitrião 3	06/09/2021
Foliões	Folião 1	10/09/2021
	Folião 2	13/09/2021

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A partir da pesquisa e das entrevistas realizadas, foi possível discutir e analisar os aspectos hospitalares presentes na Folia de Reis em Itaporã. Desse modo, no próximo capítulo serão apresentadas as principais reflexões desenvolvidas a respeito da temática investigada.

**RESULTADO E DISCUSSÃO – A FOLIA DE REIS EM ITAPORÃ E SEUS ASPECTOS HOSPITALEIROS**

A Folia de Reis é uma festividade religiosa popular que possui, para os idealizadores do município de Itaporã-MS, um grande significado religioso de fé e devoção. Como mencionado anteriormente, a festa é organizada pela Companhia Estrela do Oriente, na qual participam a organização, fies (foliões) e os anfitriões (que recebem os participantes foliões em suas casas) (Figura 1).

**Figura 1: Anfitriões recebendo os Foliões da festividade Folia de Reis**



Fonte: Fotografia disponibilizada pelo grupo organizador da festa, Companhia Estrela do Oriente.

Nas entrevistas realizadas, observa-se um esforço, por parte dos responsáveis pelo grupo Estrela do Oriente, em manter essa tradição religiosa viva na comunidade:



“A Folia de Reis para mim... para os foliões significa...tradição e devoção porque é religiosa fazemos com carinho e amor e não uma forma de cantar para se aparecer”. (Organizador 1, 2021).

“(...) A importância da festa é não deixar a tradição cair. Pois nessa época os devotos têm uma expectativa muito grande, muitas pessoas são devotas dos Santos Reis. A importância maior é fazer com que os devotos cumpram seus votos, peguem na bandeira, participem da festa e saborear tudo, pois é gostoso, é bonito”. (Organizador 2, 2021).

A tradição e a questão religiosa também são reforçadas nas falas dos participantes anfitriões e foliões. Observa-se, assim, nítida preocupação com a continuidade da festividade de Folia de Reis, como se nota a seguir:

“(...) eu participo porque é tradição, toda vida, vieram aqui em casa, e a gente pegou isso por costume, e a gente já fica esperando, a partir do dia 26 de dezembro”. (Anfitrião 3, 2021).

“(...) eu participo dessa festividade, porque eu vejo nela uma importante cultura religiosa, eu acho muito interessante, os devotos dos Santos Reis, viverem a seriedade das crenças, da fé em Santos Reis, eu acho isso muito importante e me chama muita atenção”. (Folião 1, 2021).

“(...) eu acho importante continuar mantendo essa cultura da nossa gente, essa cultura religiosa eu acredito que os costumes religiosos e a fé têm que ser preservado e celebrado sempre”. (Folião 1, 2021).

“Eu acho muito importante que de geração em geração se continuar a cultura da Folia de Reis”. (Folião 2, 2021).

Essa preocupação dos organizadores e dos foliões está ligada à diminuição no número de famílias que adotam o itinerário do grupo Estrela do Oriente em Itaporã, fato evidenciado nos trechos das entrevistas abaixo:

“Porque a gente viu que o pessoal está perdendo o interesse. Já em Douradina as pessoas fazem desfile e soltam fogos. Vão de a pé, de bicicleta, mas vão juntos. É uma festa o tempo todo, de primeiro era uma tradição, não se precisava tá fazendo itinerário, quando a turma escutava o bumba bater, todo mundo sabia, - La vem Folia de Reis! E já se preparavam se organizava pra receber”. (Organizador 1, 2021).

“(...) porque a gente já passou por situações que você chega e a pessoa não quer, às vezes não aceita. Em Itaporã teve uns tempos que as pessoas gostavam muito, mas agora a gente andou até parando de fazer o giro aqui e fomos para Douradina. Porque a gente viu que as pessoas já não estavam dando mais aquela importância”. (Organizador 1, 2021).

“(...) a folia é mais bem recebida nos sítios, gente de cidade quase não conhece, só mais os antigos”. (Folião 2, 2021).

Há também relatos de anfitriões que seguem os foliões nas casas vizinhas, “pagando” visitas, esses percebem a falta do acolhimento e até hostilidade, por parte daqueles que, por algum motivo, vão se mostrando desinteressados em participar:





“Eu fico muito contente quando eu passo pelas casas, porque eu acho assim, aquela pessoa recebeu a gente bem e foi um esforço que ele fez, de receber a gente. Porque tem muita gente que fecha a porta pra não receber eles. Então eu acho que uma atitude muita bonita e é uma devoção que eles têm”. (Anfitrião 1, 2021).

“(…) Eles chegam, pede licença se pode cantar, a gente fala pode cantar! Aqui, na dona Maria, ali no Luizão, em todo lugar”. (Anfitrião 1, 2021).

Contudo, existe uma intenção genuína de doação do seu tempo por parte de todos os envolvidos, já que para os devotos, se trata também de um ato de fé e caridade. Por vezes, parte da “oferta” e doações que são arrecadadas para a festa comunitária dos Santos Reis são destinadas para entidades e pessoas carentes, quando possível, como transcrito a seguir:

“(…) eles passam aqueles dias todos cantando, passando pelas casas, as vezes passa da hora de comer. Pra recolher os prêmios que as pessoas davam pra fazer a festa e não ganham nada com aquilo, é uma devoção das pessoas”. (Anfitrião 1, 2021).

Além disso, a festa se torna motivo e lugar de encontro entre as pessoas que querem fazer seus votos de boa ação, vivendo momentos de interação social entre grupos que se conhecem ou não, já que a festa é popular e aberta a todo o público:

“A importância da Folia de Reis é que os foliões ajudam o povo, fazem a festa e as pessoas de mais idade ficam na expectativa, esperando”. (Anfitrião 3, 2021).

“(…) a folia é um motivo pra pessoa se encontra, pros antigos contar as histórias deles, todo mundo se reúne, se encontra e todo mundo acaba conhecendo todo mundo”. (Folião 2, 2021).

“(…) antigamente o que eles tiravam da arrecadação eles convidavam a gente pra fazer uma festa, a gente ajudava com arroz, o que tivesse, mas agora por último, o que eles estavam tirando, eles doavam, para os vicentinos. Então também é um modo de ajudar as pessoas que estão precisando”. (Anfitrião 2, 2021).

É notório que parte dos entrevistados apreendem a festividade como um costume familiar, que muitas vezes foram apresentados a eles na infância, como visto abaixo:

“A gente lembra dos pais da gente das pessoas antiga, é muito bonito, meu esposo também gostava, agora já faz quatro anos que ele faleceu. Nos vizinhos quando tem a gente acompanha”. (Anfitrião 1, 2021).

“(…) isso porque é de família, eles participavam. (...) eu ficava na ponta do pé, para ver eles. Eu já tinha visto companhia de reis estilo Baiana, essa foi a primeira vez que vi a de estilo mineira. Isso me encantou, mas nessa época nem passava pela minha cabeça que um dia eu fosse cantar na folia”. (Organizador 1, 2021).

“(…) antigamente a Folia de Reis era muito bom, é tipo que nem uma religião, que a gente que é católico sempre gosta da Folia de Reis. As vezes os evangélicos ignoram, mas pra mim faz parte da minha religião. Eu gosto muito da Folia de Reis”. (Anfitrião 1, 2021).



Vale destacar que os atos de bem receber são perceptíveis durante todo rito da folia. Ademais, mesmo que para algumas pessoas seja complicada a definição do termo hospitalidade, quando se trata da palavra acolhimento todos relatam se sentir bem recebidos pela população que participa ativamente do festejo, fato corroborado nos trechos a seguir:

“Por exemplo, vamos supor, chegamos com a companhia de reis em uma casa, aí os tenentes, os guardiões e os palhaços, perguntam para a pessoa: Aceita a bandeira de Santos Reis patrão [?]... Sim, vamos chegar! Então essa pessoa está sendo hospitaleira, chama a gente pra dentro e tá recebendo a gente muito bem”. (Organizador 1, 2021).

“(...) eu acredito que todos se sentem acolhidos, porque é uma festa aberta, popular, que tem um clima de fé. As pessoas se sentem familiarizados”. (Folião 1, 2021).

“(...) durante o período de peregrinação os foliões passam de casas em casa, nos sítios convidando as pessoas. Arrecadando os alimentos, e aí já convida as pessoas pra essa festa. Então devido a essa peregrinação e os convites, as pessoas já vão na festa e se sentem donos da festa”. (Folião 1, 2021).

“(...) tem muita hospitalidade na Folia de Reis pois eles te tratam bem, eles fazem a festa não cobram nada de ninguém, a pessoa vai lá, come e bebe à vontade, as vezes até leva pra casa. É muita fartura”. (Folião 2, 2021).

“(...) além de ser devoto dos 3 reis a pessoa está sendo hospitaleira com a gente, trata bem, corre para fazer um café, já prepara alguma coisa. Então essas pessoas são hospitaleiras”. (Organizador 1, 2021).

“(...) pra mim uma pessoa que acolhe devidamente a cada um é uma pessoa hospitaleira”. (Folião 1, 2021).

“(...) A hospitalidade pra mim é ser gentil, por exemplo”. (Organizador 1, 2021).

“(...) pra mim a hospitalidade é o ato de você atender as pessoas, acolher com aquele acolhimento merecido, é um ato de carinho também” (Folião 1, 2021).

Essas entrevistas demonstram que alguns rituais existentes na Folia de Reis, dizem respeito a costumes hospitaleiros de cada localidade. Os hábitos, costumes, cultura e crença religiosa influenciam na maneira com que cada folia se apresenta e se comporta diante de sua comunidade:

“(...) o encontro das bandeiras, antigamente era um pouco diferente, primeiramente era ferro e fogo. Quando duas bandeiras se encontravam. os tenentes disputavam na espada, aquele que ganhasse, tomava a bandeira da outra companhia. Depois isso parou, porque viram que isso era uma guerra besta. Hoje nos faz o seguinte, se estamos viajando, e tem outra companhia de outro bairro ou lugar, nos salda um ao outro, canta e eles seguem sua viagem pra lá e nós seguimos a nossa pra cá”. (Organizador 1, 2021).

“A gente não pode chegar entrando na casa da pessoa, de qualquer jeito, e achar que pode entrar. A gente tem que chegar e perguntar”. (Organizador 2, 2021).

Outro ponto importante se refere ao convite para a folia, que é para todos, sendo ou não daquela comunidade. Também é possível observar um grande interesse em se



propagar a cultura e a religiosidade, que está intrínseca no evento, como transcrito abaixo:

“Quando as pessoas vêm na minha casa eu acolho o quanto eu posso pra mim é muito alegre e muito bonito”. (Anfitrião 2, 2021).

“(…) eu acho que a Folia de Reis é uma festa acolhedora, porque vem gente de todo lado, tem gente que só fica sabendo que tem, não precisa ser convidado, a gente faz o convite aberto no rádio, pra quem ouvir e quiser vir. A gente recebe, a pessoa chega, a pessoa pega na bandeira, faz a sua oferta, mas não é obrigado a fazer”. (Organizador 1, 2021).

“(…) uma oferta de qualquer valor, aí nós vamos cantar, louvando e cantando e agradecendo a oferta que você deu, porque aquela oferta que você está dando é pra ajudar e é uma devoção sua. Você está cumprindo um voto seu com os Santos Reis”. (Organizador 2, 2021).

Na análise das entrevistas, foi possível perceber que os anfitriões se familiarizam pelo ato de doação de seu tempo por parte dos organizadores, para um ato de fé em comum. Já os foliões se cativam pela crença e hospitalidade oferecidas, e todos se sentem gratificados pelo encontro através da fé praticada em conjunto, como demonstrado a seguir:

“Pra mim a Folia de Reis, significa a festa do nascimento de Jesus, prorrogação do Natal, o nascimento de Cristo. Foi quando os reis foram visitar maria e levaram os presentes pro menino Jesus. Eles andaram seguindo a estrela guia e foram visitar o menino Jesus, foram os três reis”. (Anfitrião 3, 2021).

“(…) eu me sinto muito feliz e muito contente, quando eu passo pela casa dos devotos. Porque a gente chega e vê que aquela pessoa tem fé, e quer te receber, é muito bom”. (Organizador 2, 2021).

“(…) a Folia de Reis para mim é a religião antiga da gente. É muito bonito muito lindo”. (Anfitrião 2, 2021).

“(…) a gente já fica ansioso quando vai chegando o Natal, e eles vem na casa da gente, aquilo já parece que é a tradição do Natal”. (Anfitrião 3, 2021).

“(…) eu acho que a festa de Folia de Reis é uma festa cristã”. (Anfitrião 2, 2021).

“(…) a gente sente muita alegria e gratidão, durante a Folia de Reis”. (Anfitrião 3, 2021).

Essa pesquisa também demonstrou que a Folia de Reis envolve emocionalmente as pessoas, seja por suas danças e músicas e/ou características da festa (Figura 2).

**Figura 2: Festejo de Folia de Reis em Itaporã (MS)**



Fonte: <https://www.radiocoracao.org/m/noticias/companhia-estrela-do-oriente-realiza-fofia-de-reis-em-montese>.

Assim as pessoas se aproximam, por vezes, pela curiosidade, e acabam se envolvendo e contribuindo com o evento:

“Eu participo, porque eu acho muito bonito, eu gosto muito de ouvir o jeito deles cantar”. (Anfitrião 1, 2021).

Quanto às interações entre os participantes, pode-se perceber que há um clima de nostalgia, o que de certo modo, faz com que as pessoas se sintam acolhidas e inseridas naquele grupo. Isso permite que elas acabem por se socializar e construir novas relações dentro da comunidade, através deste evento religioso:

“Antigamente lá no Nordeste, eu vim de lá com doze anos, de Pernambuco, a gente já participava e acompanhava ajudava sempre, dava um prêmio, quando tinha dava uma leitoa, quando não tinha dava um frango, um pacote de arroz, qualquer coisa. Porque quando termina eles fazem a festa, é bonito”. (Anfitrião 1, 2021).

Também ficou evidente, que o simples ato de doação do seu tempo, por parte dos devotos e foliões, inspira as pessoas a participarem e praticarem suas práticas de fé e de solidariedade. Ou seja, o sacrifício que gera um novo sacrifício, onde o outro sente necessidade em retribuir gentilezas que geram conforto mútuo:

“A importância dessa festa é que as pessoas já têm isso como uma devoção, eles andam aqueles dias tudinho, as vezes precisava posar no chão... eles, os foliões, são muito simples”. (Anfitrião 1, 2021).



“(...) é uma tradição muito bonita da nossa religião, vale o sacrifício que a gente faz em ajudar eles na festa. Porque eles pedem ajuda, mas essa ajuda não é pra eles e isso é muito bonito”. (Anfitrião 1, 2021).

Portanto, na festividade religiosa Folia de Reis se perpetuam aspectos intrínsecos de afetividade, ritos, relações sociais, devocionais e solidárias, que são entremeadas por dimensões culturais, históricas, hospitaleiras e tradições familiares. Nesse sentido, essa festividade se destaca como uma importante expressão e legado cultural da cidade de Itaporã, fortalecendo a história local e regional e o sentido de comunidade de seus habitantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve o objetivo de identificar e analisar os aspectos hospitaleiros presentes na festividade Folia de Reis da Companhia Estrela do Oriente na cidade de Itaporã - MS. A festividade de origem portuguesa acontece no dia 06 de janeiro de cada ano e tem como intuito encerrar o ciclo natalino.

Em Itaporã, os participantes dessa festividade incluem o grupo Companhia Estrela do Oriente, como organizadora da festa, foliões e anfitriões (habitantes que recebem os foliões durante o evento em suas casas).

A partir das entrevistas realizadas foi possível perceber que a Folia de Reis na cidade investigada faz parte da cultura local, que é passada de geração em geração. Os entrevistados destacaram que desde a infância já tinham contato com a festa, na qual seus pais participavam ativamente.

No entanto, a equipe de organização relatou que tem se preocupado com a manutenção e continuidade da Folia de Reis na cidade, pois muitas pessoas e jovens têm perdido o interesse em participar, demonstrando certa desvalorização e reconhecimento desse patrimônio municipal.

Apesar dessa situação particular, os participantes da festividade possuem um vínculo afetivo com a festividade, que faz parte da história deles, de suas famílias e da comunidade. Desde a preparação até o acontecimento da festa em si, é possível observar as práticas de fé, de solidariedade e de relações sociais presentes nos seus desdobramentos.

A Folia de Reis em Itaporã desperta ações hospitaleiras, de cooperação mútua, de acolhimento e de entrega entre seus participantes. Estes vivenciam momentos coletivos de união, respeito e de vivências extra-cotidianas, nas quais se perpetuam e se mesclam tradições, práticas de fé, laços afetivos e identitários.

Desse modo, a presente pesquisa vem a contribuir para os estudos da hospitalidade nas festividades religiosas e populares, trazendo como cenário principal a cidade de Itaporã, em Mato Grosso do Sul. Destarte, como perspectiva futura de estudo é possível propor investigações que analisem a hospitalidade em outros eventos e setores de Itaporã, bem como propor a identificação de outros bens históricos, artísticos e culturais da cidade, com o intuito de promover seus atrativos turísticos e culturais e gerar o reconhecimento e valorização de sua história.



## REFERÊNCIAS

Agenda 2030. (2015). *A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. Recuperado de <http://www.agenda2030.org.br/ods/11/>

Brusadin, L. B. (2021). El fin de la hospitalidad? Los conceptos sociales fundamentales de la hospitalidad. *PatryTer*, 4, 107-119.

Benatti, C. (2017). *Dimensões do lugar religioso em celebração: Compreensão dos centenários marianos de Aparecida (Brasil) e Fátima (Portugal)*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia, Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.

Camargo, L. O. L. (2004). *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph.

\_\_\_\_\_. (2015). Os interstícios da hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, XII, Número Especial, 42-69.

Chon, K. K., & Sparrowe, R. T. (2020). *Hospitalidade: conceitos e aplicações*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio.

Faro, A. L., & Miceli, A. (2019). Estratégias sustentáveis para o reaproveitamento adaptativo do patrimônio religioso: Uma oportunidade social. *Edifícios*, 9(211), 1-16.

Fernandes, A. T. (2001). *Formas de vida religiosa nas sociedades contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora, 2001.

Gama, G. L. G. (2020). O rito da hospitalidade em eventos sociais do tipo casamento, aniversário infantil e baile de debutantes. *Revista Hospitalidade*, XVII(3), 160-181.

Grinover, L. (2019). Nós, A Cidade, A Hospitalidade. *Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, 11(1), 224-234.

Mauss, M. (1974). Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/Edusp.

O’Callaghan, C., Brooker, J., Glenister, D., Symons, X., & Michael, N. (2019). Perspectivas contestadas de pacientes e cuidadores sobre cuidados espirituais para os afetados por doenças avançadas: Um estudo descritivo qualitativo. *Revista de Dor e Gerenciamento de Sintomas*, 58(6), 977-990.

Oliveira, C. D. M. de. (2006). A Geografia das Festas do Interior: mediações culturais entre Religiosidade, Turismo e Educação. In: J. B. Silva, E. Dantas, E. Zanella, & A. J. A. Meireles. (Orgs.). *Litoral e sertão, natureza e sociedade no nordeste brasileiro*. Fortaleza: Expressão Geográfica, 61-77.

Paniccia, P. M. A., Leoni, L., & Baiocco, S. (2017). Interpretando a sustentabilidade através da co-evolução: Evidências de acomodações religiosas em Roma. *Sustentabilidade*, 9(2301), 1-18.



Rakhshi, M., Asif, M., Khoso, A. B., Tofique, S., Kiran, T., Chaudhry, N., Husain, N., & Edwards, S. J. L. (2021). Recognising values and engaging communities across cultures: towards developing a cultural protocol for researchers. *BMC Medical Ethics*, 22(47), 1-9.

Salles, M. do R. R. (2017). A pesquisa qualitativa e o campo da hospitalidade: Uma reflexão sobre a relação teoria e método. *Revista Turismo em Análise – RTA*, 28(3), 438-449.

Schvarstzhaupt, R. L. C., & Herédia, V. B. M. (2019). Hospitalidade na dimensão religiosa na Romaria Nossa Senhora de Caravaggio em Farroupilha, RS, Brasil. *Revista Turismo em Análise – RTA*, 30(1), 117-130.

Warde, A., Paddock, J., & Whillans, J. (2020). Domestic Hospitality: As a Practice and an Alternative Economic Arrangement. *Cultural Sociology*, 14(4), 379-398.

### **Cronologia do Processo Editorial**

*Editorial Process Chronology*

Recebido em: 30/11/2022

Aprovado em: 03/01/2023

Received in: November 30, 2022

Approved in: January 03, 2023